

Editorial

CARTEL
AMEAÇADO

É de entendimento geral, especialmente no serviço público, que, quando não se deseja ver um problema resolvido, convoca-se uma reunião que quase sempre termina com a proposta de criação de uma comissão “de alto nível” para avaliar melhor a situação. São vários os exemplos de reuniões intermináveis, a portas fechadas, que não geram resultado.

Também a alegação de falta de quórum qualificado para a aprovação da matéria serve de argumento àqueles que apenas alimentam o desejo de empurrar a pauta com a barriga.

Passados vários anos da cruzada em torno da desburocratização, o que se percebe é que o Brasil continua convivendo com diversos serviços fortemente travados por regulamentos amparados por leis caducas e que já não consultam mais o interesse da população.

No caso do transporte de passageiros, os usuários têm de contentar-se com atrasos, ônibus velhos e desconfortáveis, tarifas caras e motoristas e trocadores mal-educados. A isso veio somar-se, recentemente, o serviço de táxi, cujo cartel vem sendo posto à prova pelo aplicativo Uber.

Ao liberalizar o atendimento ao usuário, que agora tem ao seu alcance automóveis novos, limpos, mais acessíveis e motoristas bem mais satisfeitos com o serviço que prestam, o aplicativo despertou a fúria dos taxistas já estabelecidos nas grandes cidades.

Protegidos por um cartel poderoso graças ao controle exercido com mãos de ferro pelo poder público na concessão de placa de aluguel, os taxistas não se conformam com a concorrência.

Diante das pressões, em que não faltam agressões, a Câmara Municipal de Belo Horizonte criou comissão especial para discutir um projeto de lei capaz de pôr fim ao conflito.

Essa comissão terá prazo de 40 dias para encontrar uma solução que contemple os interesses dos litigantes. Prevaleceu a receita de empurrar com a barriga. Até lá, salve-se quem puder!

Talvez seja bem mais simples perguntar ao usuário o que ele deseja.

SEMPRE EDITORA LTDA

FUNDADOR Vittorio Mediolí

PRESIDENTE Laura Mediolí

VICE-PRESIDENTE Luiz Alberto de Castro Tito

DIRETOR EXECUTIVO Heron Guimarães

GERENTE COMERCIAL
Alessandra SoaresGERENTE DE TECNOLOGIA
Fábio A. SantosGERENTE INDUSTRIAL
Guilherme ReisGERENTE ADMINISTRATIVO
E FINANCEIRO
Walmir PradoGERENTE DE MARKETING
Monique ArakiGERENTE DE CIRCULAÇÃO
Isabel SantosEDITORA EXECUTIVA
Lúcia CastroSECRETÁRIA DE REDAÇÃO
Michele Borges da CostaADJUNTO DA SECRETARIA DE REDAÇÃO
Murilo RochaCHEFE DE REPORTAGEM
Renata Nunes

EDITORES

Opinião: Victor de Almeida

Economia: Karlon Aredes

Magazine: Silvana Mascagna

Brasil/Mundo/Interessa: Aline Reskalla

Política: Ricardo Corrêa

Esportes: Denner Taylor

Cidades: Marina Schettini

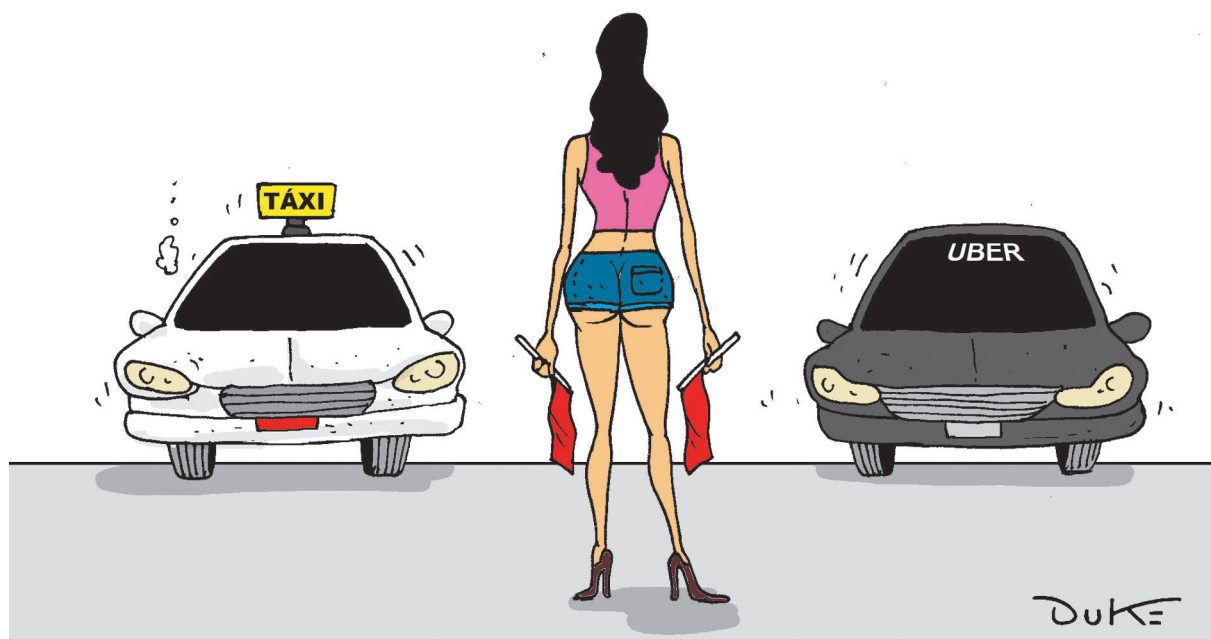
Primeira: Frederico Duboc

Fotografia: Rejane Araújo

O.PINIÃO

VELOZES E FURIOSOS

Duke



www.dukechargista.com.br



FÁTIMA OLIVEIRA

Médica

fatimaoliveira@ig.com.br

Disse Maiakóvski: gente é
pra brilhar com brilho eterno

Sem Bolsa Família, mais de 25% dos brasileiros passariam fome

Em tempo de fascismo e fundamentalismo explícitos, em que a ressonância das ideias de gente sem repertório humanitário encontra guarida na mídia conservadora, os versos do poeta russo Vladimir Maiakóvski (1893-1930) são sempre um norte: “Brilhar para sempre./ brilhar como um farol./ brilhar com brilho eterno./ Gente é pra brilhar/ que tudo mais vá para o inferno./ Este é o meu slogan/ e o do sol.” (“A extraordinária aventura vivida por Vladimir Maiakóvski no verão na Datcha”).

O verso “Gente é pra brilhar” inspirou “Gente”, de Caetano Veloso: “Gente é pra brilhar./ não pra morrer de fome”, e ambos estão no eixo político que inspirou Lula a criar o projeto Fome Zero, em 16.10.2001, pelo Instituto de Cidadania, por ele coordenado. Quando Lula assumiu a Presidência da República, o projeto virou o programa Fome Zero, que em 20.10.2003 recebeu um aporte vigoroso: o Bolsa Família, com decisões visionárias que retiraram o Brasil do Mapa da Fome da ONU em 2014.

É uma expressiva vitória popular e democrática, como declarou à época a então ministra do Desenvolvimento Social e Combate à Fome, Tereza Campello: “Superar a fome era uma das principais metas do Estado brasileiro, e isso foi possível (...) graças a um conjunto de políticas públicas que garantiram o aumento de renda dos mais pobres e um aumento da oferta de alimentos, que consolidaram a rede de proteção social”.

Conforme relatório da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), do Fundo Interna-

cional de Desenvolvimento Agrícola (Fida) e do Programa Mundial de Alimentos (PMA): “Nos últimos 10 anos, o Brasil reduziu pela metade a parcela da população que sofre com a fome. Com isso, alcançou um dos oito objetivos de desenvolvimento do milênio que as Nações Unidas estabeleceram até 2015; a taxa de desnutrição no Brasil caiu de 10,7% para menos de 5% desde 2003; e a pobreza no país foi reduzida de 24,3% para 8,4% entre 2001 e 2012, enquanto a pobreza extrema também caiu de 14% para 3,5%” (“Sair do Mapa de Fome da

O ódio de classe está na base das ideias que tentam expurgar da Presidência da República quem nela está, legitimamente eleita pelo voto popular

ONU é histórico, diz governo”, revista “Exame”, 16.9.2014).

Diante da atual satanização das conquistas democráticas do PT no poder no campo do “gente é pra brilhar”, considerando que o Bolsa Família investe apenas 0,8% do PIB e contempla 50 milhões de brasileiros (um em cada quatro cidadãos está no Bolsa Família) e que sem tal dinheiro mais de 25% dos brasileiros ainda estariam passando fome, relembro, dois anos depois, que continuam atuais as reflexões que expus em “Por que o Bolsa Família desperta tanto ódio de classe”, exatamente porque ele, o ódio de classe, está na base das ideias que tentam expurgar da Presidência da

República quem nela está, legitimamente eleita pelo voto popular, por meio do que Leonardo Boff tipificou como “O persistente bullying midiático sobre o PT” (“Carta Capital”, 9.8.2015). “Eu não tinha a dimensão do ódio de classe contra o Bolsa Família. Supunha que era apenas uma birra de conservadores contra o PT e quem criticava o Bolsa Família o fazia por rancor de classe a Lula, ou algo do gênero, jamais por ser contra pobre matar a sua fome com dinheiro público”.

Como disse a minha personagem dona Lô: “Coisa de gente má, que nunca soube o que é comer pastel de imaginação”, e evidencia que “há gente que não se importa e até gosta de viver num mundo em que, como escreveu Josué de Castro, em “Geografia da Fome” (1984): ‘Metade da humanidade não come, e a outra não dorme com medo da que não come’”. (O TEMPO, 13.6.2013).

Sim, “gente é pra brilhar”!

DUKE

